



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10238 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

Entre o rio e a mata: um mergulho decolonial na etnografia com crianças ribeirinhas
Maria Francisca Ribeiro Correa - UFPA - Universidade Federal do Pará

ENTRE O RIO E A MATA: UM MERGULHO DECOLONIAL NA ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS RIBEIRINHAS

Resumo

Este texto relaciona-se ao projeto de tese, intitulado “Entre o rio e a mata: um mergulho decolonial na etnografia com crianças ribeirinhas, está sendo realizado junto à Comunidade do Rio Paruru, Ilhas de Abaetetuba- Pará. Com objetivo de analisar as imagens e representações das infâncias construídas e veiculadas por crianças ribeirinhas e sua relação com as práticas escolares. Ancora-se no pensar de Freire (1967; 1987; 1996) Dussel (1993), Fanon (2008), (2010); Walsh (2012; 2017) Mignolo (2003) e Arias (2010), possibilitando enxergar a etnografia decolonial como uma ferramenta emancipadora na/para/com a pesquisa. É uma opção ético-política e crítica frente às práticas escolares que invisibilizam, subalternizam e silenciam os modos de viver e produzir a existência das infâncias à beira dos rios na Amazônia. A metodologia é conduzida pela Etnografia, produzida com/pelas crianças no contexto de suas vivências, utiliza a Observação Participante, a técnica da Árvore Encantada, Oficinas de Desenhos, Produção de Cartografias Infantis, e registro de imagens feito pelas crianças. A Etnografia Decolonial vislumbra a possibilidade de que os conhecimentos produzidos pelas crianças sobre o cotidiano de sua comunidade, na relação com o rio e a mata, constituem-se como ferramenta indispensável para Corazonar novas práticas escolares comprometidas com a vida.

Palavras-chave:

Etnografia Decolonial. Infâncias. Práticas Escolares.

O LADO DE CÁ DO RIO E DA MATA: elementos introdutórios

Assim como o rio move as águas, abrigando uma diversidade de formas de vida, a mata, também é o um elemento essencial para a produção das condições necessárias a sobrevivência das populações ribeirinhas. De modo que, este trabalho, representa o mergulho, a filiação e o compromisso, ético, político, social, histórico e cultural com as crianças ribeirinhas, ligando o rio e a mata, continuamente, enquanto

espaços/territórios/lugares de possibilidades para a produção de conhecimentos outros.

Este trabalho tem o objetivo de analisar as imagens e representações das infâncias ribeirinhas e sua relação com as práticas escolares nas ilhas de Abaetetuba, no Estado do Pará, uma vez que, pelas experiências e vivências com as crianças ribeirinhas e os modos como produzem as imagens e representações de suas infâncias, é provável, que no contexto das práticas escolares ocorre o processo de invisibilização e subalternização das infâncias ribeirinhas.

De tal modo que, o conhecimento produzido na área da educação, especificamente, os estudos sobre a criança e seus modos de vida e de aprendizagem, historicamente, têm sido conduzidos sob a perspectiva de uma visão eurocentrada e adultocêntrica, sobre a criança e a infância. Por isso, é preciso constituir outros lugares e outros modos de observação, que se contraponham ao olhar soberano que vê sem ser visto, uma palavra soberana que anuncia e nega os outros e sua anunciação. Uma verdade dominadora que silencia as outras vozes, que neste trabalho saem do leito dos rios e do meio da mata e assumem o lugar de protagonistas de saberes e de conhecimentos outros.

O PROBLEMA DE PESQUISA: anúncios e denúncias

Os pressupostos que ergueram a ciência guardam em seu cerne a concepção de modernidade universal eurocêntrica que colocam o mundo colonial como detentores da verdade absoluta e como único modelo de ciência. Tal perspectiva encontra reações contrárias ao modelo de ciência universal, de tal maneira que, a partir da década de 90, com a criação do grupo Modernidade Colonialidade, de onde surgem questões e posições que se levantam e reclamam por uma matriz *Outra* de conhecimento, que toma como referência as histórias dos povos oprimidos, explorados, marginalizados, colonizados e invisibilizados pela razão moderna. Mas, ainda que apontem para novas perspectivas de análises, as Ciências Humanas são sustentadas por uma razão colonial que constrói imaginários e verdades deformantes da realidade, que estabelece um único modelo de conhecimento, o eurocêntrico, negando outras formas de conhecimento, de territorialidades e experiências outras.

Surgem assim, outras formas de resistência como novas possibilidades de análises para a construção de novos olhares sobre o conhecimento, a ciência e o próprio sujeito, novos conceitos, novas práticas e novos caminhos para fazer pesquisa no campo educacional que se ancoram nos estudos de autores que compõem o Grupo Modernidade Colonialidade, na América Latina, além de autores ligados aos Estudos Subalternos.

Concebida como energia renovadora que delinea formas outras de resistir, trilha-se as possibilidades para a construção de uma Etnografia Decolonial, elaborada a partir do olhar e da perspectiva de crianças ribeirinhas, de tal modo que o ensino e a sabedoria do Outro são pontes para construção de um caminho diferente para a descolonização do *ser*, do *saber* e do *poder*. São experiências outras que nos ajudam a tecer um trabalho profundamente comprometido com a vida, na perspectiva da construção de “[...] un horizonte social, ético, estético, político, que nos permita hilar, sueños, luchas, esperanzas y ternuras, a fin de tejer juntos, distintos horizontes de existência” (ARIAS, p. 13, 2010).

De tal modo que tecer pontes a partir de novas construções epistêmicas de participação colaboração x horizontalidade investigativa que apontem para possibilidades de pensar/construir uma Etnografia Decolonial com crianças ribeirinhas nas Ilhas de Abaetetuba possibilita-nos responder a seguinte questão problema da pesquisa: qual a

relação entre as imagens e representações das infâncias construídas e veiculadas por crianças ribeirinhas e sua relação com as práticas escolares nas Ilhas de Abaetetuba?

Por isso, fazer uma escrita etnográfica que promova rupturas com a Etnografia moderna, significa, considerar que todas as perspectivas teóricas edificadas sob os moldes da ciência moderna e, conseqüentemente, os conhecimentos produzidos sobre a criança e a infância, subalternizam suas identidades e tomam o mundo adulto como parâmetro orientador para as experiências infantis. A criança assume sempre uma posição do *vir-a ser*, e nunca daquilo que de fato ela é, seu mundo, suas histórias, seus desejos e anseios são negados, a infância é vivida num eterno “treino” para ser adulta.

QUESTÕES METODOLÓGICAS PARA UM MERGULHO NA ETNOGRAFIA DECOLONIAL

Mergulhar é submergir na água, ir as profundidades para vasculhar, encontrar outros modos de produzir conhecimento sob as âncoras e olhares outros. A Etnografia Decolonial é como a ponte - objeto essencial de ligação entre lugares outros e pessoas. Ela promove encontros e desencontros, possibilita escolhas e decisões que contribuem para a continuidade do caminho. A ponte é um elo de ligação que oportuniza ir além do rio sem o uso de canoa, barco ou outro meio de transporte. Através da ponte o rio segue em direção à mata. É verdade que para chegar à mata, a ponte, não é o único caminho, mas optamos por essa escolha, uma vez que em alguns trechos, na beira do rio, a ponte é imprescindível.

Nesse sentido, indo na contra mão da Etnografia moderna, a pesquisa em andamento assume a opção metodológica por um diálogo decolonial como lugar de produção, socialização e partilha de outros saberes, outros sujeitos, pois não se trata de falar sobre e nem para o (s) “Outro (s)”, mas sim de uma ética investigativa que elege o diálogo, a interação horizontal e a reciprocidade como ponto de partida para produzir conhecimentos, cujas condições e a tomada de decisões deve ser negociada permanentemente. São chamadas de propostas colaborativas, com a coautoria das crianças que participam ativamente das decisões e na construção de ferramentas que colaborem na investigação como: murais, construção de mapas, rodas de diálogo, oficinas de desenho, relatos, registro de imagens, e etc...

Es urgente volver a tejer un entramado diferente, que nos hermane, que potencie el encuentro con los otros, con la diferencia, que reconstruya el tejido de la alteridad y potencialice toda la fuerza colectiva que tenemos y que viene desde lo más ancestral del tiempo y de procesos de lucha de resistencia e insurgencia material y simbólica de larga duración. (ARIAS, p. 16, 2010).

A metodologia utilizada na pesquisa segue os caminhos construídos na vivência e interação com as crianças ribeirinhas da Comunidade do Rio Paruru. As técnicas de coleta de informações foram elaboradas a partir do convívio no cotidiano das brincadeiras, das viagens pelo rio e pela mata, dos momentos de ida à baía, dos momentos de banho no rio e na praia. Sendo a Observação Participante, possibilitou o emergir de outras técnicas de pesquisa como a Passeio Encantado, Árvore dos Sonhos, Oficinas de Desenhos, Produção de Cartografias Infantis, e Registro de imagens feito pelas crianças.

Quando os sujeitos da ação educativa são outros, as concepções que orientam as práticas escolares ou populares também são obrigadas a ser outras. Portanto, o processo de

exclusão precisa ser superado não só na garantia de acesso aos bancos escolares, perpassa pela luta contra a iniquidade cognitiva, a qual precisa ser compreendida para além da distribuição mais equitativa do saber científico e do reconhecimento que toda experiência produz conhecimento.

ANÁLISES PARCIAIS

A vivência, produção e aprimoramento das técnicas de pesquisa estão em andamento. A vivência na comunidade iniciou-se em novembro de 2019, tempo em que já é possível apontar horizontes para a construção de uma Etnografia Decolonial. A partir do movimento empreendido pela pesquisa emergem algumas análises e apontamentos parciais.

A Etnografia Decolonial responde a necessidade da construção de um potencial afetivo, epistêmico, ético-político dos saberes insurgentes que emanam dos povos da Amazônia paraense, que habitam a beira dos rios, furos e igarapés. Sob essa perspectiva a etnografia decolonial, é construída com/pelo outro, prima pela alteridade, pelo respeito aos saberes outros, a pluralidade de ideias, visões, mas principalmente, constitui-se como possibilidade de existências outras, onde as pessoas e suas histórias, suas vidas, seu cotidiano, são contadas e interpretadas por elas próprias, tornando-as visíveis e (de)marcando suas presenças/ausências no, com e para o mundo.

Foi à partir do contato com a realidade das crianças ribeirinhas que o mergulho na Etnografia Decolonial encontrou âncoras e lemes para seguir viagem, entre as águas do rio, mas sem perder de vista que suas margens prosseguem junto a mata, que existem pontes que interligam a realidade ribeirinha, e mesmo quando as pontes acabam abrem-se trilhas contínuas e sinuosas por entre os furos e igarapés.

Com o trabalho de campo, iniciou-se a vivência e aproximação com o grupo de crianças, para a coleta de dados que foi orientada por uma técnica extraída do cotidiano da comunidade, a “Árvore dos Sonhos”. Essa técnica perpassou vários momentos da vivência das crianças.

As Rodas de Diálogo, as Oficinas de Desenho e produção de Mapas da Comunidade foram emergindo a partir do passeio Encantado realizado na comunidade das crianças.

As práticas escolares, na comunidade do Rio Paruru, Ilhas de Abaetetuba, negam e invisibilizam os saberes e fazeres das infância ribeirinhas, silenciando a cultura infantil e impondo modelos e práticas dominadoras que em nada lembram as práticas que as crianças vivem nas experiências com o rio e a mata, os quais, constituem-se em elementos que (de)marcam suas vidas. Na escola as crianças demonstravam atitudes e gestos de descontentamento, desespero e ansiedade por se libertar de um lugar que as aprisiona e afoga os sentidos de suas infâncias.

(IN)CONCLUSÕES

Tecer pontes para uma Etnografia Decolonial, implica, previamente, pensar possibilidades para os questionamentos que surgem e lançar mão de algumas técnicas que poderão contribuir no ato investigativo, mas para além disso, nas possibilidades de encontro com o Outro, que é um “não eu” a partir de “si mesmo”, e que comigo participa e constitui a força coletiva

As pontes e os mergulhos construídos pela Etnografia Decolonial foram e estão se concretizando no fazer junto com o “Outro”, se trata de uma construção coletiva, de um trabalho, entendido como atividade, compartilhado, que somente pôde ser construído junto com as crianças em sua vida cotidiana.

Nestes tempos, em que as forças coloniais se rearticulam e atentam contra a vida, o desafio imposto ao campo da decolonialidade reside no fato de fazer uma grande luta para desconstruir as formas cartesianas e coloniais de saber e construir formas outras de saber legítimos. É preciso romper com o lugar colonial que nos impuseram e inaugurar novos horizontes e novas possibilidades para a pesquisa com crianças ribeirinhas. É necessário forjar formas Outras de viver, construir e socializar novas matrizes de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Patricio Guerrero. **Corazonar: Uma antropologia comprometida com a vida: Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización, del poder, del saber, del ser.** Abya-Ayla; Quito – Ecuador, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** 2ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

DUSSEL, Enrique. 1492 **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Educação e Mudança.** – 34. ed rev. e atual.- São Paulo: Paz e Terra, 2011

MELGAREJO, Patricia Medina; MACIEL, Lucas da Costa. **Infancia y de/ colonialidad: autorías y demandas infantiles como subversiones epistémicas.** Educ. Foco, Juiz de Fora, v. 21, n.2, 2016, p.295-332, maio/ago.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Abya-Yala, Quito-Ecuador, 2012.

_____. **Entretejiendo lo pedagógico y lo decolonial: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir, (re)existir y (re)vivir.** Alternativas, Quito-Ecuador, 2017.